BOLETIM DO XXVI EBCF

buchicho

06

Editorial

Wilker França (EBP/AMP)
Isabel do Rêgo Barros (EBP/AMP)

Há palavras que, de tanto nos acompanharem, parecem já não nos fazer pergunta. Brasileiro é uma delas. Está no nome de nossa Escola, no Encontro que nos reúne, no modo como nos apresentamos no Campo Freudiano. Mas o que acontece quando nos demoramos um pouco nessa palavra? O que ela faz ouvir?

Na abertura da primeira atividade preparatória do XXVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, Luiz Felipe Monteiro, diretor da EBP, nos convidou a essa demora. Ao interrogar o significante que nomeia a Escola e o Encontro, propôs escutar "que espécie de real ele veicula; que contingência ele permite". Sua fala abria uma via para investigar as consequências desse significante nos corpos, na prática de cada um e na vida da Escola.

Se o significante Brasileiro já havia sido desacomodado por essa provocação, que ficou fazendo buchicho entre nós, os últimos acontecimentos políticos que levaram à reeleição do presidente Brasileiro Lula revolveram ainda mais o lugar dessa palavra no nosso léxico. Para além de representar um sujeito para outro significante, algo dela passou a designar uma experiência de corpo, singular por definição, mas que experimentamos coletivamente

nas últimas semanas.

Com essas indicações leremos a pergunta que orienta este número: “O que há de brasileiro em nosso Encontro?”. Ao endereçá-la a Paola Salinas e Maria Silvia Hanna, acrescentamos uma modulação: “O que faz um encontro falar brasileiro?”. Convidamos duas colegas cuja língua materna é o espanhol a nos acompanhar nessa interrogação, apostando no que a passagem entre línguas poderia fazer surgir.

Paola e Maria Silvia acolheram generosamente o convite e nos ofereceram textos tão instigantes quanto singulares. Há o sotaque, as palavras que atravessam fronteiras, as marcas de uma língua que persistem no uso de outra. E há também uma estranheza que pode surgir naquilo que acreditávamos conhecer. Quem fala brasileiro? Até onde uma língua nos reúne? O que, nela, permanece estrangeiro mesmo para quem a fala desde sempre?

A língua circula entre nós, recebe nossos usos, altera-se em nossas bocas. Algo, porém, toca cada corpo de maneira singular. É também com isso que fazemos Escola e nos preparamos para um Encontro: com o que podemos transmitir e com aquilo que ainda nos põe a trabalho. As contribuições de nossas convidadas mantêm viva essa abertura e nos convidam a escutar o brasileiro com um pouco menos de familiaridade, deixando lugar ao que ainda poderá nos surpreender.

O próprio nome deste boletim guarda um gosto por essa circulação. Buchicho passa

de boca em boca, mistura vozes, chega a outros ouvidos. Ao longo de seis números, fizemos dele um modo de nos aproximarmos do Encontro e de seus barulhos. Este é o último Buchicho antes de chegarmos a Florianópolis. Em nome de toda a comissão do Buchicho, agradecemos a quem nos leu, nos escutou e fez essas conversas circularem. Foi uma alegria construir cada número com uma equipe tão alegre e decidida a fazer acontecer. E encontrar, do outro lado, ouvidos e vozes que deram novos destinos ao nosso trabalho. Agradecemos especialmente a Flávia Cêra e Louise Lhullier, coordenadoras gerais do Encontro, pelo modo tão vivo de fazer Escola e acolher nossas invenções. Este é o último boletim, mas um buchicho nunca acaba inteiramente: alguém escuta, leva adiante, acrescenta alguma coisa. Preparamos uma surpresa para que o nosso continue acontecendo por lá. Até logo mais em Floripa!



Uma questão de língua

Paola Salinas (EBP/AMP)

Brasileira

A questão-convite para a escrita, *"o que faz um encontro falar brasileiro?"*, veio com a subversão-indicação de poder tomar o 'brasileiro' como o português, considerando minha condição de estrangeira[1].

Abstive-me de tomar o 'brasileiro' como um povo em toda sua complexidade, e o tomei diretamente em sua versão linguageira, sua língua, seu dizer.

A sonoridade da língua no Brasil é plural e, embora o país possa ser descrito por algumas características reconhecidas no imaginário social, não é isso que conta para a psicanálise, visto que uma generalização desse porte somente empobrece a poesia e a musicalidade do tom dessa língua.

Ser brasileiro remeteria a algo coletivizável? Podemos supor a partir da língua um dizer que seria coletivizável em uma Escola?

Um desafio entre o uno e o múltiplo que podemos ler na carta de Miller à EBP em sua fundação:

> *"A Escola representa no Brasil o Campo Freudiano e sua orientação lacaniana, sem a qual a psicanálise afundaria num irremediável arcaísmo. Isso dá à Escola uma vantagem*

1 Agradeço à comissão de Boletim do XXVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Barulhos da língua: a interpretação entre a fala e a escrita, na pessoa de Andressa Contó Luz que me fez o convite.

decisiva. Resta comprová-lo, com trabalhos marcantes."[2]

Brasileira é um lugar, o lugar que nos cabe dentro da AMP. É onde fazemos valer os princípios lacanianos, a partir de onde apresentamos nosso trabalho, dialogamos com as demais Escolas da AMP e com o campo social.

A contingência

Falar determinada língua ao nascer é uma contingência, ainda que a chamada língua materna pareça prescrita desde o início, nunca se sabe quais marcas tocarão o corpo do falasser na sua constituição e mesmo na primeira infância;

Uma Escola também é contingente. Gosto desta hipótese, pois me permite pensar que a Escola pode ser um encontro; "Se é contingente, pode ter sido desejada ou não, considerada como necessária à formação analítica ou não, mas para que a contingência de um encontro se mantenha ao longo do tempo, algo do sujeito foi tocado. Temos encontros a todo momento, somente alguns fazemos permanecer."[3]

Poderia partir da mudança de país para afirmar que a Escola Brasileira tem o estatuto de contingente, mas a contingência de pertencer transferencialmente a uma Escola, mesmo quando não se é membro, se afirma a cada vez pelo desejo, e é por isso que tem a dimensão de um encontro que pode se sustentar ou não.

---

2 MILLER, J.-A. Carta de Jacques-Alain Miller à Escola Brasileira de Psicanálise. Disponível em: https://ebp.org.br/wp-content/uploads/2024/02/22Carta-de-Jacques-Alain-Miller-a-Escola-Brasileira-de--Psicanalise22-Jacques-Alain-Miller.pdf Acesso em 4/9/26.

3 SALINAS, P. Texto não publicado, datado de 2014, por ocasião de uma atividade de cartéis da EBP-SP em Ribeirão Preto.

Se sustentamos o *Brasileira* como lugar de trabalho, é porque seguimos com a orientação de fazê-la avançar, de estar à altura do discurso analítico e de saber fazer com o múltiplo, tanto dentro da EBP quanto da AMP. No fundo trata-se da orientação lacaniana, que pode ser brasileira, chilena, argentina, francesa... um lugar onde os princípios podem abrir a construção do novo na prática clínica e na formação do analista.

Lugar ou dizer?

A Escola é um lugar transferencial. Haveria um dizer específico com o jeito brasileiro?

Há uma distância entre a sonoridade da língua e a enunciação de um dizer, seja dentro da análise, na cultura ou na poesia. Nem toda fala tem o efeito de um dizer, por outro lado, se um dizer transmite algo é porque ressoa para além do sentido comum. Há uma tensão entre o comum ou supostamente compartilhado, e o singular que transmite outra relação com a palavra e com o corpo. Um dizer que tem efeito se apoia na lalíngua, e aí não parece viável sustentar a ideia de uma lalíngua brasileira.

Contudo, há significantes, sons, 'ondas linguísticas' que se fazem presentes na sonoridade do português, do pretuguês e dos diferentes sotaques que fazem essa língua vibrar.

Há o que se compartilha, dizeres teóricos, clínicos ou poéticos que ultrapassam quem os enuncia e conseguem transmitir a relação com uma causa, no nosso caso, a analítica. E há o que não se compartilha, o gozo marcado no

corpo pela lalíngua que o humaniza e o singulariza.

Se na Escola há um *falar brasileiro*, ele faria ressoar um modo de lidar com o que nos afeta, com o que se pode ler do laço social? Se os discursos da época são globalizados, nos cabe querer saber como são apreendidos e se apresentam em nosso meio, aí sim, entendido como 'brasileiro'.

No meu entender, um Encontro Brasileiro pretende dar testemunho da prática e da vivacidade do desejo de saber em detrimento do amor ao saber[4], ou da submissão ao discurso do mestre. Um encontro que fale brasileiro poderia ser aquele que permite tal percurso em nossas terras, com nossas palavras.

Mas, a Escola é hetero, não é toda brasileira, ouve línguas estrangeiras a todo momento. Muito além de colegas de outros países dentro e fora do cotidiano dela, a Escola ouve línguas estrangeiras em cada encontro. Pelo menos, deveria ser seu saber fazer: não reduzir o fora do sentido ao comum.

O caroço de real

Retomo a advertência de Luis Felipe Monteiro, que possamos "tirar consequências deste significante [brasileira], interrogando como o caroço de real que ele porta incide em um a um, em sua solidão subjetiva, nessa Escola"[5].

Que caroço seria esse?

---

4 MILLER, J.-A. La enseñanza del psicoanálisis. In: *El banquete de los analistas*. Buenos Aires: Paidós, 2010, p. 175-177.

5 MONTEIRO, L. F. Discurso de lançamento do XXVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. Barulhos da língua: a interpretação entre a fala e a escrita. Disponível em: https://encontrobrasileiroebp2026.com.br/discurso-de-lancamento-do-xxvi-encontro-brasileiro-do-campo-freudiano-barulhos-da-lingua-a-interpretacao-entre-a-fala-e-a-escrita/ Acesso em 26/8/26.

"Não há todo da Escola. A Escola é, por excelência, um conjunto antitotalitário, regido pela função(...) S (A)/".[6] Esta função sustenta a inclusão de um real inerente à experiencia analítica e nitidamente à experiencia humana.

Não denegar este ponto concerne à comunidade da Escola, ao que cada um está disposto a depositar nesse lugar, ao tipo de trabalho que pretende empreender ali. Apostar na transferência de trabalho propicia o distanciamento de um ideal e a tomada da Escola, para além de um objeto libidinal, como um instrumento para a psicanálise[7].

Não sei dizer qual *caroço de real está no significante brasileira,* mas é na Escola Brasileira que uma parte do meu caroço de real tem encontrado lugar.

6 MILLER, J.-A "Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola. In: *Opção Lacaniana on line nova série.* Ano 7, n 21, novembro de 2006, p. 9.

7 MILLER, J.-A. Affectio societatis. In: *Lacan Elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. !997. p. 558



O que faz um encontro falar brasileiro?

Maria Silvia G F Hanna (AME EBP/AMP)

É neste boletim intitulado “Buchicho”, em que a gíria se faz presente no seu próprio nome, que emerge a pergunta construída pelos seus coordenadores e que me foi encaminhada: O que faz um encontro falar brasileiro?

Ela está inserida em um contexto maior, no qual alguns colegas querem saber: O que há de brasileiro em nosso encontro?

Confesso que ao ler e tentar iniciar uma resposta, percebi que a aparente simplicidade da pergunta, logo se complicava, produzindo em mim um certo tumulto, que me desacomodou. Leio isto como a presença de uma estranheza, sinal da presença do real.

Um pouco desacomodada examino a construção da pergunta na qual percebo que aponta, através de sua fórmula “o que faz”, à existência de uma causa e, ao colocar “um encontro”, situa um certo indeterminismo.

Há outro aspecto que não pode ser eliminado e que tem a ver com o comentário realizado ao me enviarem essa pergunta. Isabel do Rego Barros me disse que ela se endereça a mim por eu ser uma argentina, cuja língua materna é o espanhol (castelhano). No meu caso, falo o brasileiro como uma língua apren-

dida na idade adulta, e que, ao usá-la, tenho um sotaque diferente, alguns espanholismos que deixam entrever minha origem e as marcas de minha história. Será que esse fato de ser um pouco estrangeira me coloca em uma posição mais interessante para responder à pergunta? Não sei dizer...

Continuo aqui pensando a construção gramatical da pergunta e digo que esse encontro não pode ser "qualquer um". Ele precisa ser qualificado. Essa qualificação está dada pelo nome do evento "XXVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano", que acontecerá em novembro, na cidade de Florianópolis. Ele diz com todas as letras que se trata de um encontro do Campo freudiano situado no Brasil. Entendo que seu próprio nome funciona como um convite para elaborar na língua e na terra brasileira a prática do psicanalista sobre o tema da interpretação nos dias de hoje. Esse convite/convocação se dirige aos psicanalistas praticantes, estudantes e interessados pela psicanálise, brasileiros, aos brasileiros não tão brasileiros (como é meu caso), aos estrangeiros que queiram participar, enlaçados pela transferência de trabalho que suscita o Campo Freudiano.

Ao delimitar que o encontro se fará na língua e na terra brasileira, é possível dizer que ambas permitirão o surgimento de singularidades, em cada fala, em cada gesto, em cada silêncio, em cada estranheza, em cada neologismo, dos seres falantes no Brasil.

Em outras palavras, penso

que será uma oportunidade de aprender através dos casos apresentados e das elaborações, um pouco mais sobre "como o analista pode fazer com a língua e seus barulhos brasileiros ou não, para promover mudanças nas modalidades de gozo, que aprisionam os sujeitos que vêm à procura de um psicanalista."

Assim entendo que o que haverá de propriamente brasileiro é o barulho, os sons, os gestos, as formas de conversar, de se entender e desentender, as formas de trabalhar e compartilhar, enfim tudo o que faz parte dos seres que habitam a terra brasileira. Participarei do encontro levando um pouco de minha estrangeridade, de minha língua estrangeira que estará presente em minha forma de falar o brasileiro.











Equipe do Boletim
"Buchicho" do XXVI EBCP:
Isabel do Rêgo Barros Duarte
e Wilker França (coord.):
Andressa Luz,
Henrique Lopes,
Isabela Machado,
Leila Mignac,
Marina Fragoso,
Michelle Sena e
Priscila de Sá Santos.